



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

CÍCERO, AS CATILINÁRIAS E UM CONCEITO DE REPUBLICA

Hiasmin Peres Rodrigues

Rio de Janeiro

2014

HIASMIN PERES RODRIGUES

CÍCERO, *AS CATILINÁRIAS* E UM CONCEITO DE *RESPUBLICA*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Latim.

Orientador: Prof^ª Dr^ª Arlete José Mota.

RIO DE JANEIRO

2014

RODRIGUES, Hiasmin Peres.
Cícero, *As Catilinárias* e um conceito de
ResPublica/Hiasmin Peres Rodrigues – 2014.
27 f.

Orientador: Arlete José Mota.

Monografia (graduação em Letras habilitação
Português – Latim) – Universidade Federal do Rio de
Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 26-27.

1. Literatura Latina (*As Catilinárias*). 2. Cícero
(*ResPublica*).I Rodrigues/ Hiasmin Peres II -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de
Letras, (2014) III . Título.

CDD

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 CÍCERO: VIDA E OBRA.....	6
3 A COMPOSIÇÃO DAS <i>CATILINÁRIAS</i>	8
3.1 Contexto histórico.....	10
3.2 Primeira e Quarta Catilinárias.....	12
3.3 Segunda e Terceira Catilinárias.....	15
4 O CONCEITO DE <i>RESPUBLICA</i> PARA O HOMEM ROMANO.....	17
5 UMA ANÁLISE DA PRESENÇA DO VOCÁBULO <i>RESPUBLICA</i>	19
6 CONCLUSÃO.....	23
7 BIBLIOGRAFIA.....	26

1 - INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretende-se mostrar uma análise da obra de Cícero, *As Catilinárias*, levando em consideração a questão política envolvida no discurso e em especial a relação do homem romano com a república. Pois a partir do olhar de um homem romano que fazia parte do senado é possível ter uma ideia, ainda que pequena, do pensamento do homem dessa época e também de como era o pensamento dos que estavam no poder.

A ideia principal é ver, através da literatura, como se davam os comportamentos e os modos de pensar e de vida desse povo e, assim, o modo como era entendida a política e a realização da mesma.

Começando pelo estudo de questões de ordem social e histórica, conta-se para isso com uma fundamentação teórica, em especial Ettore Paratore sobre o autor, sua vida e obra. Além disso, ressalta-se a preocupação em observar como e porquê foi composta *As Catilinárias*. Ainda em termos metodológicos, destaca-se a obra de Maria Helena da Rocha Pereira, no que diz respeito ao conceito de *res publica*. Faz-se necessária uma abordagem distinta para que se possa compreender a ideia política enfocada, o trabalho enfatizará uma análise quantitativa e qualitativa dos discursos selecionados.

Cumprе acrescentar que as traduções dos textos latinos são da autora da presente monografia.

2 – CÍCERO: VIDA E OBRA

Marco Túlio Cícero, nascido em Arpino em 106 a.C, filho de Hélvia, era de família humilde, porém de boa reputação.

Apesar de sua condição familiar foi mandado para estudar em Roma e também passou cerca de dois anos estudando na Grécia. Ao longo de seus estudos sempre se destacou em questões relativas à retórica, formou-se advogado e seu dom para oratória era, para muitos, incontestável. Frequentou a escola grega o que também lhe valeu profundo conhecimento de outras disciplinas.

Cícero logo mostrou um grande talento para filosofia, depois talento muito maior para a retórica. Dessa forma dentro de alguns anos passaria a ser senador romano (por volta de 63 a.C.), e também viria a ser considerado o maior orador de Roma, e é sob este título que hoje muitos o conhecem.

Sua carreira no senado tem seu auge, como se observa em boa parte de sua fortuna crítica, quando profere os quatro discursos contra seu rival na política, Catilina, e consegue fazer com que o acusado seja condenado à morte. No entanto, por conta de sua oposição ao triunvirato de César, Pompeu e Crasso, teve de se exilar de Roma e, ao voltar a sua cidade (mais ou menos em 61 a.C.), escreveu os discursos chamados *De legibus* (*Das leis*), *De republica* (*Da república*) e *De oratore* (*Do orador*).

Cerca de 10 anos mais tarde (51 a.C.), Cícero se ausenta de Roma e vai governar a Sicília por mais ou menos um ano e, ao voltar, quando vê que seu inimigo César está no poder, passa a se dedicar quase exclusivamente a sua “carreira” de escritor. É quando publica, por exemplo: *Paradoxa* (*Os paradoxos*), *De natura deorum* (*Da natureza dos deuses*), *De officiis* (*Dos deveres*) e pronuncia dois famosos discursos chamados *Pro Marcello* e *Pro Ligario*.

Depois do assassinato de Júlio César, no ano de 44 a.C., Cícero escreve uma série de discursos, que ao todo somam 14, contra Marco Antônio chamados *In Marcum Antonium*, chamado pela população da época pelo nome de *Filípicas*, levando em conta o fato de se parecem bastante, no tom, com os discursos proferidos por Demóstenes contra Filipe da Macedônia.

Há que se considerar que estas não foram as únicas obras de Cícero, e é fato que o orador dedicou-se a escrever desde a juventude, todavia, neste trabalho estão citadas as mais comentadas. Apesar dos percalços e das escolhas consideradas politicamente erradas que pode ter feito em alguns momentos de sua carreira, seus feitos como político e como orador e advogado foram excepcionais. Não é a toa que o período em que viveu e produziu seja até os dias de hoje chamado de “Século de Cícero”, nas tradicionais divisões de um período clássico da literatura latina. O político fez por merecer tal denominação e sua luta contra a conjuração de Catilina certamente o pôs em um patamar mais alto tanto em sua carreira política quanto na de escritor.

Foi morto no ano de 43 a.C., aos 63 anos e antes que lhe cortassem o pescoço pronunciou as seguintes palavras “*Moriar in pátria saepe servata*” (“Morra eu na pátria que tantas vezes salvei.”)

Vale ressaltar, a título de curiosidade, que Cícero foi aclamado pela população como *pater Patriae*, após a proferição de seu segundo discurso contra Catilina. Tal título, designação usual para o cargo que ocupava, nessa circunstância em que foi destacado, pode significar que de fato ele era o “pai da Pátria”, por ter propiciado sua salvação (Cf.PARATORE: 1993, 205).

3 – A COMPOSIÇÃO DAS CATILINÁRIAS

A oração (entenda-se aqui oração como o ato de proferir publicamente seus discursos de oratória) dos quatro discursos das Catilinárias (*In Catilinam orationes quattuor*) se deu após Cícero entrar para o senado em 63 a.C., Lúcio Catilina pertencia a um grupo de opositores e era considerado o líder dos *populares*, contra o qual lutava Cícero.

O autor então denuncia que Catilina pretende atacar a cidade de Roma durante a noite e cometer grande golpe contra a República. É quando Cícero decide ir ao senado e ao povo falar o que sabe sobre uma conspiração (conhecida como “conjuração de Catilina”), então profere dois discursos no senado (I e IV) e dois para a população (II e III).

Diz-se comumente que tais discursos nunca foram de fato escritos por Cícero, apenas proferidos pelo orador e então, posteriormente as suas orações, é que tais palavras foram escritas, neste caso possivelmente acrescentaram-se muitos recursos literários e talvez outras ideias - imagina-se tal fato devido ao tempo que levou para que os discursos escritos fossem publicados (cerca de três anos depois).

O conteúdo dos textos traz uma argumentação bem forte e baseada em leis, costumes e religião romanos. No seguinte trecho, por exemplo, pode-se ver uma passagem em que o autor “invoca” certos aspectos, como as referências aos tempos passados e aos costumes. Sabe-se que seus contemporâneos estariam vivenciando uma espécie de enfraquecimento de valores políticos e morais tradicionais:

O tempora! O mores! Senatus haec intellegit; consul videt; hic tamen vivit. Vivit? Immo vero etiam in senatum venit; fit publici consilii particeps; notat et designat oculis ad caedem unumquemque nostrum. (Cic. Cat. I, 1, 2)

Ó tempos! Ó costumes! O senado sabe estas coisas, o cônsul vê: embora este viva. (Ele) Vive? E na verdade ainda vem ao senado; torna-se parte do conselho público; aponta e designa com os olhos cada um de nós para a morte.

Quanto a um exemplo apelativo exclusivamente sobre as leis, há uma passagem muito interessante presente no mesmo discurso:

Nox nulla intercessit: interfectus est propter quasdam seditionum suspiciones C. Grachus, clarissimo patre, avo, maioribus; occisus est cum liberis M. Fulvius, consularis. Simili senatus consulto C. Mario et L. Valerio, consulibus, permissa est respublica. Num unum diem postea L. Saturninum, tribunum plebis, et C. Servilium, praetorem, mors ac reipublicae poena remorata est? At nos vicesimum iam diem patimur habescere aciem horum auctoritatis. (Cic.Cat. I, 2, 4)

Nenhuma noite passou: foi morto por conta de certas suspeitas de sedições Caio Graco, de pai muito ilustre (ilustríssimo), avô e antepassados; foi morto com os filhos Marco Fúlvio, ex-cônsul. Por similar decreto do senado, aos cônsules Caio Mário e Lúcio Valério, foi confiada a república. No entanto, um só dia a Lúcio Saturnino, tribuno da plebe, e a Caio Servílio, pretor, a morte e a pena da república fez esperar? Mas nós por vinte dias já toleramos que a espada da autoridade destes se embote.

No trecho supracitado Cícero fala de alguns casos em que não se teve tempo nem ao menos para um julgamento mais apropriado, decidiu-se logo pela morte dos supostos acusados. É, no entanto, dessa maneira que o autor consegue que acusem Catilina e o condenem, ainda que este fuja e seja morto em batalha pouco tempo depois.

Posteriormente a esta citação, ainda no mesmo discurso, percebe-se sua insistência em tentar fazer com que o acusado tenha a condenação que ele (Cícero) deseja. Note-se como o discurso prossegue da mesma maneira, mas aqui, ao invés de expor pessoas específicas, fala sobre os “cidadãos romanos”:

At persaepe etiam privati in hac republica perniciosos cives morte multarunt. An leges, quae de civium romanorum supplicio rogatae sunt? At numquam in hac urbe ii, qui a republica defecerunt, civium iura tenuerunt. An invidiam posteritatis times? (Cic.Cat. I, 11, 28)

Então, muitas vezes nesta república, também (os) particulares puniram cidadãos perniciosos com a morte. Por acaso as leis, que foram decretadas sobre o suplício dos cidadãos romanos? Mas nunca nesta cidade,

os que se afastaram da república mantiveram os direitos de cidadãos. Por acaso temes a inveja da posteridade?

Além da rivalidade iminente entre o arpinino e o acusado, também o amor pela pátria e a ambição de Cícero foram provavelmente elementos marcantes - e estimulantes - para que o orador pensasse em proferir estes discursos, que acabaram por ser, até os dias de hoje, sua obra mais famosa e reconhecida em nosso meio. A composição das *Catilinárias*, portanto, se deu por meio de uma necessidade de que se fizesse algo para impedir a vitória de um inimigo sobre Roma e também uma tentativa para que se mantivesse a república.

Baseando-se no texto de Zélia de Almeida Cardoso (2003, 157) é possível também falar de sua estrutura linguística. Como era Cícero o melhor e mais conhecido orador de Roma, é natural que observemos de forma indiscutível o seu talento em oratória, nos discursos *In Catilinam*. Cardoso comenta em seu texto que nesta obra a linguagem apresenta-se de uma forma muito eloquente e nela o orador aplica vários recursos retóricos, tais como frases interrogativas, exclamativas, uso de expressões anafóricas, preterições e também elementos ornamentais em profusão. Ainda segundo a autora, Cícero mostra muito domínio da língua e o modo como compõe as frases forma uma espécie de estrutura harmônica.

3.1 – Contexto histórico

O pronunciamento das acusações contra Catilina, quando se pensa em uma contextualização histórica, envolve uma questão política, com sérias implicações sociais. Nessa época Roma passava por vários conflitos, tanto internos como externos e esses conflitos acabaram por tornar a cidade e a vida dos romanos quase insustentáveis. Tornava-se difícil administrar a Cidade em meio a tal atmosfera política.

Recorde-se também que houve acontecimentos em um período anterior ao comentado que estabeleceram certas diretrizes aos envolvidos nas mudanças sócio-políticas que estavam por vir. Cite-se, por exemplo, as Guerras Púnicas (que foram travadas contra Cartago) que utilizaram, entre outras coisas, muitos soldados, escravos e

bens - o que representa soma significativa em gastos públicos (e privados). Houve também guerras civis que perduraram muitos anos e o Estado não conseguia mais prover a paz, a segurança e uma vida digna a seu povo. Foi, enfim, um espaço de tempo muito conturbado em Roma e que pode ter sido, posteriormente, determinante para fim da república como era concebida – e defendida - por Cícero. Aliás, guerras internas são de fato elementos que não faltaram neste tempo de república romana.

Para Pierre Grimal (2011, 104), não foram as ameaças externas e guerras provinciais que desestabilizaram Roma: mesmo sem elas, provavelmente, a cidade teria continuado a se desfazer porque não encontrava um regime governamental no qual todos os cidadãos se sentissem contemplados. Para o estudioso, a república romana significava, para o povo, liberdade, e Cícero era um representante desse período que acabou junto com sua vida. Diz-se que o orador tentava estabelecer, dentro do senado, uma política equilibrada, que fosse propícia a todas as classes sociais. Talvez isso explique o motivo pelo qual o arpinino teve tanto renome e por que viria a ganhar o título de pai, defensor, salvador da pátria, embora, de certa maneira, seja possível notar evidentemente um interesse pessoal de que suas ideias fossem aceitas e implementadas - para que cada vez mais pudesse elevar sua posição política, seu reconhecimento e seus ganhos pessoais, sem excluir que ele pudesse ter um interesse genuíno em ajudar seu povo a viver de forma mais digna e, dessa forma, ajudar na manutenção da forma de administrar e conduzir sua pátria.

Essa fase é uma época de transição pela qual passa Roma e Cícero, defensor de um sistema político e administrativo salvaguardado pelo conceito de *res publica*, tenta impedir certas mudanças que se tornaram reais mais tarde, o que explicaria de certa forma o tom incisivo e direto que usa já no primeiro parágrafo (Cic.Cat. I, 1, 1). É nesse momento que se estabelece o primeiro triunvirato, formado por Júlio César, Pompeu e Crasso - juntos tentavam transformar a situação política de então. Com estes no poder e com César tomando para si uma série de atribuições e cargos, a situação fica mais instável em Roma e não é mais possível que se mantenha a república. Apesar de todos os percalços Cícero ainda se sobressaiu muito nessa época devido a seus talentos como orador, advogado e político.

Não só o arpinino se posicionou como defensor da república. Afinal, havia muitos políticos que defendiam a mesma causa, pois neste modelo de governo o povo de uma forma geral possuía muitos direitos, conquistados em tempos passados, não sem batalhas travadas por reconhecidos generais e incansáveis discursos proferidos no *forum*. Havia o medo de que, com o fim desse sistema político, os direitos se perdessem. No entanto, depois de passar pela ditadura de Júlio César e vir a ser um Império, Roma teve seus melhores anos com relação à vida cultural sob vários aspectos. Nas artes, por exemplo, cite-se que a literatura latina atinge seu esplendor no período denominado “Século de Augusto”, e, quando se fala no desenvolvimento da cidade, a arquitetura assume papel de grande relevância. Vê-se, portanto, o quanto representou a figura de Augusto, herdeiro político de César.

Em linhas gerais, a principal diferença entre o Século de Cícero (essa denominação lhe é concedida devido a seu grande talento e destaque nas áreas em que atuou, como orador, advogado, político e “homem do povo”) e o Século de Augusto não se estabelece em termos temporais (exatamente um “século”), mas sim em crescimento e desenvolvimento. No século de Augusto houve uma reinvenção da cidade, do literário e, sobretudo, do governo; foi o tempo da *Pax Romana*, quando Augusto conseguiu acabar com as guerras civis que tanto defasavam o desenvolvimento dos povos romanos. O século de Cícero foi deveras conturbado, por isso as atitudes de Cícero também foram consideradas grandiosas, pois ele conseguiu a *gloria*, como *homo novus*, num tempo de governo muito difícil e no meio de uma transição importantíssima para o povo.

3.2 – Primeira e Quarta Catilinárias

O que se pode observar, quanto à primeira e à quarta *Catilinárias*, e que mais chama a atenção, é o aspecto apelativo do discurso. É facilmente perceptível que o autor faz um uso muito intenso da palavra *respublica*, mas o apelo não se resume apenas a isso, é muito evidente como levanta questões de ordem moral e cívica em seu discurso, a fim de fazer com que seus ouvintes lembrassem de épocas longínquas da política e da vida romana, para assim tomarem decisões mais justas quanto à punição dos acusados.

Na primeira catilinária o autor quer expor o que Catilina pretende contra Roma e seus habitantes. Procura, então, mostrar com seu discurso a força que os cônsules e o senado, como um todo, têm contra tais conspiradores. A partir daí Cícero começa a expor tudo o que sabe para os *patres conscripti* que ali se encontravam como, por exemplo, a reunião na casa de Marco Leca.

Em seguida começa a propor sua ideia de castigo para o acusado e recorre a um artifício para defender seu posicionamento: fala de uma terceira pessoa (“o cônsul”) – é importante acrescentar que, no quarto discurso, iniciado com *video*, “vejo”, vê-se a sua posição, diferentemente de um “nós, cônsules” ou “o cônsul”. O orador ordena que Catilina deixe a cidade junto de seus comparsas, pois a vida em Roma se torna inviável tanto para os romanos, com a presença dos conjurados, como também para os próprios conspiradores, que, certamente, seriam encontrados, se os senadores decidissem por acatar a opinião do arpinino. O orador fica convicto de que o acusado não deixará de querer guerrear contra sua pátria, mas que esta estaria salva com a sua morte (“*ad mortem te*”, *Cat. I, 1, 2*). Em dado momento refere-se aos conspiradores como “*sic hic morbus, qui est in republica*” (“esta doença que está na república”).

No fim deste discurso Cícero invoca Júpiter para lhe auxiliar e mostra o quão exortativo pode ser seu discurso. Leia-se o seguinte:

Tu, Iupiter, qui iisdem, quibus haec urbs, auspiciis a Romulo es constitutus; quem Statorem huius urbis atque imperii vere nominamus, hunc et huius socios a tuis aris ceterisque templis, a tectis urbis ac moenibus, a vita fortunisque civium omnium arcebis, et omnes inimicus bonorum, hostes patriae, latrones Italiae, scelerum foedere inter se ac nefaria societate coniunctos, aeternis suppliciiis vivos mortuosque mactabis. (Cic.Cat. I, 13, 33)

Tu, Júpiter, que foste colocado por Rômulo sob os mesmos augúrios, com os quais foste também esta cidade, ao qual chamamos com justiça Fundamento desta cidade e império, a este e a seus aliados afastará dos teus altares e restantes templos, dos tetos e muralhas da cidade, da vida e da fortuna de todos os cidadãos, e punirá, com eternos suplícios, vivos e mortos todos os inimigos dos bons, inimigos da pátria, ladrões da Itália, unidos entre si por um tratado de crimes e uma sociedade nefasta.

Quanto ao quarto (e último) discurso, que também é proferido no Senado, trata-se mais de uma espécie de agradecimento por parte do autor; neste discurso Cícero expõe os perigos que o senado e ele próprio ainda correm, dá conselhos e espera ansioso pela pena que será imputada a seu rival Catilina. Muito embora Cícero esclareça que receberá de bom grado qualquer decisão que o senado tome, em IV, 6, observa-se que haveria uma insatisfação caso a decisão fosse contrária àquela que defende a morte dos conjurados. Há também um debate entre Cícero e César, pois o primeiro quer que seja decretada a pena de morte e o segundo acha melhor que o acusado seja expulso da pátria sem nada, de mãos vazias e como ele mesmo diz “*vitam solam relinquit nefariis hominibus*” (“somente a vida deixa aos homens nefários”, *Cat. IV, 8*).

Veja-se um melhor exemplo nesta citação:

Itaque eam sapientes numquam inviti, fortes etiam saepe libenter oppetiverunt. Vincula vero, et ea sempiterna, certe ad singularem poenam nefarii sceleris inventa sunt. Municipiis dispersiti iubert. Habere videtur ista res iniquitatem, si imperare velis; difficultatem, si rogare. Decernatur tamen, si placet. (Cic.Cat. IV, 4, 7)

Por isso os sábios nunca contestados (julgados), também os fortes muitas vezes livremente a desejam (desejarem). As prisões, porém, (e) estas eternas, certamente foram criadas para singular castigo de crimes nefastos. Ordena que sejam dispersos (divididos, distribuídos) pelos municípios. Parece haver parcialidade nesta proposta (coisa), se (vós) quiserdes ordenar; uma dificuldade, se pedires. Então seja decretado o que agrada (o que apraz, o que convém)

Ainda assim o orador opta por continuar apelando para o castigo mais penoso, aceita a proposta de Silano e todos dão apoio a ele; em seguida faz questão de mostrar seus sentimentos para com a pátria e considera que se ele (o próprio Cícero) tivesse sido morto (ou se ainda for), se tornaria um herói para Roma, devido a sua empreitada contra Catilina e seus feitos como cônsul.

De fato este quarto discurso é um fechamento para os dois que profere no senado, sendo o primeiro considerado como uma acusação e o último como uma sentença que, desde o início dos boatos de conspiração, já se esperava.

3.3 – Segunda e Terceira Catilinárias

Ao contrário dos discursos I e IV, estes dois são pronunciados para o povo romano e logo se percebe a diferença entre eles. A maior divergência notada é quanto às palavras, aqui não se tem um discurso tão exortativo, pois a pretensão do orador não é convencer ninguém do povo que Catilina é culpado, mas sim persuadir seus ouvintes de que ele mesmo está se pondo como salvador da pátria, como um herói da nação romana – após o segundo discurso, Cícero é reconhecido de fato como *pater patriae* (“pai da pátria”).

Na segunda catilinária o autor começa com uma felicitação a si próprio e aos romanos, leia-se:

Tandem aliquando, Quirites, L. Catilinam, furentem audacia, scelus anhelantem, pestem patriae nefarie molientem, vobis atque huic urbi ferrum flammamque minitantem, ex urbe vel eiecimus, vel emisimus, vel ipsum egredientem verbis prosecuti sumus. Abiit, excessit, evast, erupti; nula iam pernicies a monstro illo atque prodigio moenibus ipsis intra moenia comparabitur. (Cic.Cat. II, 1, 1)

Enfim, ó romanos, ou expulsamos da cidade Lúcio Catilina, que se enfurecia de audácia, que respirava o crime, planejava nefastamente a ruína da pátria vos ameaçando e a esta cidade com ferro e chama, ou deixamos sair, ou perseguimos com palavras o mesmo que saía. Foi-se, saiu, evadiu-se, fugiu; já não será preparada nenhuma desgraça por aquele monstro e prodígio dentro das muralhas, contra as próprias muralhas.

O discurso prossegue com incontáveis atos de fala de exaltação ao próprio autor e este ainda dá a entender que muitos aliados de Catilina permaneceram na cidade, visto que são em sua maioria pessoas desconhecidas. Faz ainda questão de explicar para o povo como se deu a suposta expulsão do acusado da cidade, ele diz que não foi ele quem o exilou, mas que o conjurado teve vergonha ao ouvir as suas palavras e deixou a cidade por conta própria, mas ainda assim deve-se agradecer a ele pelo suspeito ter partido.

Logo após ter tomado todos os louvores para si, Cícero revela o perfil dos seguidores de Catilina e fica evidente que se tratam de pessoas com boas condições financeiras e aqueles que estão com sede de poder, dentre outros. Ainda há uma comparação entre as forças do conjurado e a dos que se opõem a ele e uma série de “conselhos” que o autor procura dar para a população para que possa se sentir mais segura na cidade em que vive.

Na terceira catilinária é o momento em que a população fica sabendo o que acontece no senado frente a este caso tão sério de traição com a pátria. O orador faz um pronunciamento animado dizendo que o perigo acabou, foi embora e que a ele foram entregues as cartas e as confissões dos que foram acusados de fazer parte do grupo de conspiradores, mas não tiveram tempo para fugir.

Cícero concede a si mesmo mais e mais louvores e, assim como no fim do primeiro discurso, neste momento, dirige-se a Júpiter, mas agora não com o tom invocativo do outro discurso: atribui ao deus a salvação de Roma, como se observa:

Quo etiam maiore sunt isti odio supplicioque digni, qui non solum vestris domiciliis atque tectis, sed etiam deorum templis atque delubris sunt funestos ac nefarios ignes inferre conati. Quibus ego si me restitisse dicam, nimium mihi sumam, et non sim ferendus: ille, ille Iupiter restitit; ille Capitolium, ille haec templa, ille hanc urbem, ille vos omnes salvos esse voluit. Diis ego immortalibus ducibus hanc mentem, Quirites, voluntatemque, suscepi, atque ad haec tanta indicia perveni. (Cic. Cat. III, 9, 22)

Também com isto esses que tentaram levar funestos e criminosos incêndios não só às vossas habitações e lares, mas também aos templos e aos santuários dos deuses, são dignos de um ódio e de um suplício ainda maiores. Se eu disser a estes que resisti, para mim tomarei muito e eu não deveria suportar; aquele, aquele Júpiter resistiu; aquele quis que o Capitólio, aquele quis que estes templos, aquele quis que esta cidade, aquele quis que todos vós fôsseis salvos. Eu, ó romanos, os deuses imortais sendo meus guias, tomei este pensamento e esta vontade, e cheguei a tão grandes indícios.

4 - O CONCEITO DE *RESPUBLICA* PARA O HOMEM ROMANO

O conceito da república para o romano vai além de apenas uma forma de governo, para o povo significava muito mais, era algo muito forte e significativo para a população. Isso se deu porque foi nesse modelo de governo que as coisas começaram a mudar para melhor, apesar das muitas guerras e disputas.

No entanto, a *respublica*, a coisa pública era a política acima da política, quer dizer, era a integração do povo, era o momento no qual o povo começou a ter maior voz e espaço, passou a ser representado e a sofrer menos.

Vale ressaltar que, em termos conceituais, a coisa pública se tratava de um bem público e comum aos interesses dos romanos. Nas definições dos dicionários, o que mais se vê relacionado ao vocábulo *respublica* (ou, separadamente, *res publica*) é a ideia de um bem comum de uma dignidade e utilidade pública. Esta ideia está arraigada no espírito romano desde a formação dos primeiros núcleos populacionais. O vocábulo *respublica* é formado de duas palavras justapostas (o substantivo *res* e o adjetivo *publicus*, -a, -um, concordando com o substantivo).

Segundo Maria Helena da Rocha Pereira (1990, 380), *respublica* é uma das expressões mais difíceis de traduzir e definir. É muito simplista traduzir tal valor por uma ideia de estado ou sistema de governo. O que se nota é que se valor está muito ligado ao conceito de *libertas*. A autora recorre ao próprio Cícero (in: *A república*, I, 25, 39) quando o orador define o vocábulo como “assuntos do povo” devido a seu teor popular.

Quanto à ideia de *libertas*, de acordo com Pereira (1990, 372), está relacionada a *dignitas* e *auctoritas*, como condição de vida na *respublica*, pois são esses dois conceitos que dão equilíbrio entre o governo e o povo, e, nesse conceito, surge igualmente a *concordia* que “é a premissa indispensável da existência das cidades” (PEREIRA: 1990, 373). E é impossível existir a *respublica* sem a justiça. Acrescenta ainda a autora:

A *libertas* era assegurada pelas magistraturas, pelo tribuna, pelo recurso de que dispunha cada cidadão de apelar para o povo da decisão de um magistrado (*provocatio ad populum*), nos direitos especiais. Daqui

decorriam a visão dos *optimates*, que acentuava a *auctoritas* do Senado, e a dos *populares*, que se apoiavam no tibunato. (id., *ibid.*)

À guisa de complementação, acrescente-se que Cícero escreveu seu discurso *A república* em seis livros inspirados no livro de Platão, de mesmo título. Ressalte-se, porém, que o texto de Cícero adapta-se a uma discussão sobre a realidade da política romana, retratando-a (PEREIRA: 1990, 142).

Outra interpretação é considerada, por exemplo, por Jacques Gaillard. Para o autor, “segundo Cipião a república é a forma de governo que mais convém aos interesses de um estado” (GAILLARD: 1994, 66). Considerando-se que nenhum outro regime político garante ao estado um “equilíbrio duradouro”, isto significa que não só para o povo, mas, sobretudo para o Estado e para seus governantes, este regime é de fato mais contemplativo, pois é mais abrangente quanto a questões de vontades e ambições de quem está inserido nele. Cícero parece concordar, então, com esta ideia e assume que ainda que não seja perfeita poderia a república trazer mais benefícios à pátria que qualquer outro governo.

5 - UMA ANÁLISE DA PRESENÇA DO VOCÁBULO *RESPUBLICA*

Observa-se na análise do texto que, em relação ao uso da palavra *respublica*, há uma maior incidência desta palavra nos discursos que foram proferidos por Cícero para o senado (discursos I e IV) e uma menor incidência nos discursos proferidos para o povo (discursos II e III).

No primeiro discurso (*In senatu habita*), a palavra aparece em um total de 34 vezes, no segundo (*Ad Quirites*) 13 vezes, no terceiro (também intitulado *Ad Quirites*) 25 vezes e no último, e também menor discurso (*In senatu*), a palavra aparece 32 vezes.

Com essa questão quantitativa em mente é possível supor que para o senado era preciso um discurso muito mais elaborado e muito mais exortativo, visto que quase sempre em que a palavra é pronunciada está relacionada a um contexto de apelo “sentimental”, como por exemplo, quando Cícero fala das vitórias por que Roma já passou e também quando fala na salvação da cidade, ele faz uso da palavra *respublica*. Acrescente-se que, quando falamos em sentimental, nos referimos simplesmente ao uso do patético (do sentimento) – Cícero foi hábil em dispor o ouvinte a seu favor utilizando um apelo aos sentimentos pessoais dos seus compatriotas, como, quando, no quarto discurso das Catilinárias, último parágrafo, sensibiliza-os citando o seu “filhinho” (*parvum filium meum*).

Quanto a esta questão sentimental citada entende-se também que não é uma utilização gratuita do patético: se trata de um recurso retórico e, valendo-se disso, além da situação vivida naquele momento e de seu grande talento como orador, o autor se aproveita de todos os meios que tem em mãos em seus discursos. Afinal a intenção era, de fato, sensibilizar os romanos quanto ao que se relacionava ao perigo por que passavam.

É interessante dizer que todo esse esforço em tentar “salvar” a república acontece porque o autor vive neste sistema de governo em questão, ou seja, além de ter intrínseco a seu pensamento a ideia de coisa pública também quer proteger o sistema em vigor. Aliás, talvez só tente tanto salvar a república justamente porque vive em tal sistema e acredita que sua própria sobrevivência como político só se dará dessa forma – além é claro do legado que deixará para seus descendentes.

Voltando à questão do uso do vocábulo *respublica*, veja-se outro exemplo logo no início do texto:

*Fuit, fuit ista quondam in hac republica virtus, ut viri fortes acrioribus suppliciis civem perniciosum, quam acerbissimum hostem, coercerent. Habemus senatus consultum in te, Catilina, vehemes et grave; non deest reipublicae consilium, neque auctoritas huius ordinis; nos, nos dico aperte, consules desumus.*¹ (Cic.Cat. I, 1, 3)

Houve, houve, outrora nesta *república*, essa virtude, que homens fortes reprimissem o cidadão pernicioso com suplícios mais severos do que ao crudelíssimo inimigo. Temos contra ti, ó Catilina, um decreto do senado veemente e grave: não falta à *república* o conselho nem autoridade desta ordem; nós, nós, os cônsules, digo abertamente, faltamos.

Além dessa característica também é possível notar que nos discursos 2 e 3 (*Ad Quirites*) o apelo sentimental é muito menor que nos discursos proferidos no senado e também o modo de fala utilizado pelo orador parece ser mais simplificado, ainda que em se tratando da estrutura latina do texto, não haja uma diferença muito significativa.

Já nos discursos I e IV (*In senatu*), é mais perceptível o uso apelativo de antigas conquistas, vitórias e o nome dos deuses em favor da causa (causa de Cícero), no último discurso em particular, quando o orador tenta de toda forma fazer com que seja aceita a pena de morte para os conjurados, Cícero se torna altamente apelativo e usa, sobretudo, muito mais que em qualquer outro discurso esse apelo sentimental, inclusive ao divino. Note-se também que utilizar referências a fatos e personagens conhecidos dos romanos é um recurso retórico: os *exempla* (sempre que se lança uma ideia e que se pretende argumentar, deve-se recorrer ao uso de exemplos, que concretizem o pensamento).

Veja-se um apelo nesta passagem do quarto discurso:

Quum vero mihi proposui regnatem Lentulum sicut ipse se ex falis sperasse confessus est, purpuratum esse hunc Gabinium, cum exercitu venisse Catilinam; tum lamentationem matrum familias, tum fugam virginum atque puerorum, ac vexationem virginum vestalium perhorresco, et, quia mihi vehementer haec videntur misera atque miseranda, idcirco in eos, qui

¹ Destaques nossos.

ea perficere voluerunt, me severum vehementemque praebeo. Etenim quaero, si quis pater familias, liberis suis a servo interfectis, uxore occisa, incensa domo, supplicium de servo non quam arcebitissimum sumpserit, utrum is clemens ac misericors, an inhumanus et crudelissimus esse videatur? Mihi vero importunus ac ferreus, qui non dolore ac cruciatu nocentis suum dolorem cruciatumque lenierit. Sic nos in his hominibus, qui nos, qui coniuges, qui liberos nostros trucidare voluerunt, qui singulas uniuscuiusque nostrum domos, et hoc universum reipublicae domicilium delere conati sunt, qui id egerunt, ut gentem Allobrogum in vestigiis huius urbis atque in cinere deflagrati imperii collocarent, si vehementissimi fuerimus, misericordis habebimur; sin remissiores esse voluerimus, summae nobis crudelitatis in patriae civiumque pernicie fama subeunda est. (Cic.Cat. IV, 6, 12)

Quando, porém, propus que Lêntulo reinasse sobre mim, como ele próprio confessou que esperava dos oráculos, que este Gabínio tinha revestido a este de púrpura, visto que Catilina havia chegado com um exército; então me horrorizo com a ideia da lamentação das mães de família, com a fuga das donzelas e das crianças, e a opressão das virgens vestais; porque estas coisas me parecem grandemente miseráveis e dignas de piedade, por este motivo mostro-me severo e veemente contra aqueles que quiseram levar a cabo esses (crimes). Então, pergunto, se algum pai de família, mortos os seus filhos pelo criado, morta a esposa, incendiada a casa, não aplicaria ao escravo o punição mais cruel, por acaso esse (homem) parecia ser clemente e misericordioso, ou desumano e muito cruel? A mim, porém (mostraria-se) cruel e feroz aquele que não aliviar a sua dor e o sofrimento com a dor e o sofrimento do criminoso. Assim, se nós temos sido muito severos contra aqueles homens que tentaram nos matar, nossas esposas, nossos filhos, que tentaram destruir cada casa de cada um de nós, e toda esta sede (universo) da república, que fizeram isto para que colocassem o povo dos alóbrogos nos vestígios desta cidade e na cinza do império incinerado, pareceremos misericordiosos; mas, se quisermos ser mais tolerantes, deve ser suportada por nós a fama da maior crueldade na ruína da pátria e dos cidadãos.

No entanto, tantos apelos tão fortes não são por nada; como homem de retórica e orador brilhante que foi, o arpinino sabia do que precisava para que tanto os senadores quanto o povo entendessem que deveriam expulsar ou matar, enfim, castigar e punir Catilina o mais rápido possível. Pretendia que agissem contra Catilina da mesma forma que, em tempos anteriores, os mais antigos agiram contra acusados de crimes distintos

- pessoas que não tiveram nem a oportunidade de ter um julgamento e foram condenadas à morte.

Seu discurso apesar de tudo é reflexivo, e o tom pode se tornar afetivo ao falar sobre o que a república significava para seus governantes. Querer acabar com a república em que viviam era também acabar com suas posições políticas, com um poder de decisão sobre a vida dos cidadãos e com uma forma de administrar a coisa pública. O discurso tendo à frente a salvação da *respublica* já tinha a garantia de ser aceito e a condenação do conjurado aprovada.

6 – CONCLUSÃO

Lidos os quatro discursos que compõem as *Catilinárias*, observam-se alguns elementos importantes para que se desperte o interesse pela obra do arpinino. O que se pode concluir nesta primeira e sucinta análise dos discursos é que Cícero está mais interessado naqueles dirigidos ao senado, em persuadir o senado a impor a pena que ele defende (a de morte) e , quando fala para o povo, em tentar fazer com que o aclamem e que lutem “por ele” e por sua causa em favor de Roma, isto é, procura aliados no povo. Isso explicaria o porquê da menor utilização, quantitativamente falando, do vocábulo *respublica* ao falar com o povo, pois talvez, a importância real dada a esta palavra (ou que se origina da junção de *res* (“coisa”) e *publica* = (“pública”)) pelo povo não seja tão grande quanto à dada pelos que governam a cidade. Pode-se pensar também que o romano era muito ligado ao passado, ou melhor, estava preso ao que um passado de conquistas e vitórias, propiciados pela manutenção de certos valores e costumes, legou para as gerações futuras. Os romanos travaram grandes lutas e tiveram grandes momentos, pontos altos e baixos em sua história e certamente um dos mais conturbados foi a fase política referente à transição entre a República e o Principado.

Já quanto ao autor de tais discursos, o que se avalia é que foi um homem de grandes feitos, tanto em sua carreira de orador quanto político e advogado. Foi um homem de muitos interesses e de certa forma sem sorte em sua vida pessoal. Tentou aliar-se a pessoas certas em momentos errados, tome-se como exemplo sua rivalidade com César. Ainda que tenha feito tanto por Roma, sua pátria, perto de seu fim, teve que deixá-la por conta dos inimigos que adquiriu ao longo de sua vida. Foi um homem que, apesar de suas origens, conseguiu se sobressair em sua terra, conseguiu ser aclamado pelo povo e até considerado como uma espécie de herói por alguns.

O que se nota é que foi, de fato, um dos maiores defensores da república e que através dele todos os valores morais e políticos relacionados a ela (a *respublica*) foram cada vez mais se fortalecendo junto ao povo, pois como se viu no capítulo 4 desta pesquisa, este sistema político era verdadeiramente significativo para o povo em todas as questões relacionadas aos valores de um passado supervalorizado pela população.

Sua obra foi e ainda é considerada grandiosa por ter conseguido, em sua época, retratar tantas convicções e conceitos relacionados aos valores, ideais e costumes de um

povo que parecia carecer destes princípios. Utilizando suas palavras e proficiência na arte da retórica, Cícero parecia entender e perceber o que Roma precisava. No entanto, mesmo antes de chegar a este patamar, já se afirmava como advogado e levantava questões de ordem política. Aproveitava-se disso para mostrar desde o início seu posicionamento contra o extremismo dos “partidos de direita”, como defende Jacques Gaillard (1994, 60-61).

Quanto aos valores que eram intrínsecos à ideia de república, conclui-se que, além de serem muito importantes para quem prezava sua pátria, era também através deles, pode-se dizer, que se dava um sentimento tão forte pela república. Não se tratava apenas do sistema de governo em si, mas o que ele poderia/deveria representar para um povo que se sentia tão bem representado por ele e pelas pessoas que nele governavam ou estavam no poder.

Atualmente, a ideia que se tem sobre um povo perante tais valores pode parecer anacrônica ou até causar estranheza, mas o que se sabe, devido a pesquisas sobre a formação cultural do povo romano, é que um não se dava sem o outro, isto é, não havia como se solidificar os valores sem o povo, e o povo, por sua vez, não viveria em harmonia sem a concretização de tais valores. Assim se desenvolveu a civilização romana, e talvez por isso tenham conseguido tudo o que conquistaram e sejam lembrados e respeitados até os dias de hoje.

No plano literário, ressalte-se que o período de tempo considerado neste trabalho, é denominado, quando se fala em uma periodização da literatura latina, como período clássico, onde predominou a prosa e se destacou a figura do arpinino. Ao contrário do que posteriormente aconteceria no principado de Augusto, com predomínio da poesia – o Século de Augusto, na literatura. O imperador, tendo mudado, ainda que não completamente, a forma de governo, era grande incentivador das artes. O que pode ser verificado, por exemplo, quando se recorre ao comentário de Maria Helena da Rocha Pereira (1990, 380) quando diz que “os imperadores continuam a manter em uso a expressão [*respublica*], à qual se ligava, se não a realidade, pelo menos a ilusão de um conceito fundamental para o viver em comum do Povo Romano”.

Finalmente, há que considerar que nenhum dos envolvidos nesta causa, isto é, tanto Cícero quanto os outros tantos defensores da república, imaginam que uma

mudança poderia ser tão benéfica como pode ter sido a passagem deste sistema para o Império. Os textos analisados, mesmo que sucintamente, conduzem à seguinte reflexão: o modo de governo pouco importa quando o governante está interessado (quaisquer que sejam seus propósitos iniciais) em expandir a cultura e a qualidade de vida de seu povo. Assim, por exemplo, o fará Augusto apesar de todas as resistências que ocorreram. Ele propicia em seu governo a maior produção cultural de que se tem notícia até hoje. Há que se dizer, no entanto, que, com relação ao fim da república tal qual defendia Cícero e uma mudança cujo artífice foi Augusto apenas, tal fato é considerado discutível e que Augusto, ainda que quisesse, não teria condições de manter em vigor a República - que se dissolvera.

7 – BIBLIOGRAFIA

CARMONA, Alfonso Ortega. *Oratória - a arte de falar em público: história, método e técnicas oratórias*. Trad. Cláudio Aguiar. Rio de Janeiro: Calibán, 2003.

CÍCERO, Marco Túlio. *As catilinárias*. Trad. Nicolau Firmino. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1952.

CÍCERO, Marco Túlio. *Da Republica*. Trad. Amandor Cisneiros. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1965.

CICERON. *Discours*. Tome X. Paris: Les Belles Lettres, 1965.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GAILLARD, Jacques. *Introdução à literatura latina*. Trad. Cristina Pimentel. Lisboa: Inquérito, 1994.

GIORDANI, Mário Curtis. *História de Roma*. Antiguidade clássica II. Petrópolis: Vozes, 1998.

GRANT, Michael. *O mundo de Roma*. São Paulo: Arcádia Limitada, 1967.

GRIMAL, Pierre. *História de Roma*. Trad. Maria Leonor Loureiro. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MONTANELLI, Indro. *História de Roma*. São Paulo: IBRASA, 1957.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador (org.). *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas Editora / FFLCH/USP, 1997.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*. Vol II – Roma. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1990.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ROSTOVTZEFF, M. *História de Roma*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.